

CLARICE LISPECTOR CRONISTA: O CONFLITO ENTRE O TOM PESSOAL E A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA

CLARICE LISPECTOR CHRONIST: THE CONFLICT BETWEEN PERSONAL AND AUTOBIOGRAPHIC WRITING

Patrícia Mariano Marcos¹²

Resumo: Neste estudo observaremos crônicas escritas por Clarice Lispector entre os anos de 1967 e 1973, publicadas no *Jornal do Brasil* e reunidas, posteriormente, no livro *A descoberta do mundo*. Como são crônicas escritas majoritariamente em primeira pessoa, e que trazem a própria Clarice Lispector como personagem principal, voltaremos nosso olhar para o modo como a autora se apropria da escrita dessas crônicas para se apresentar, dar-se a conhecer pelo público, e, ao mesmo tempo, neutralizar o tom intimista característico da crônica. Desta forma, iremos percorrer o “mundo de Clarice” a partir dessas crônicas em que podemos perceber sua relação com os leitores, com a escrita e o pulsar de seu cotidiano. Assim, ao abordar o “universo” criado pela autora e apresentado nas crônicas de *A descoberta do mundo*, poderemos perceber como sua escrita dialoga entre si, permitindo um estreitamento entre sua produção literária e sua escrita jornalística.

Palavras-Chave: Clarice Lispector. Crônica. Escrita Autobiográfica. Pacto Autobiográfico.

Abstract: In this study we will observe chronicles written by Clarice Lispector between the years 1967 and 1973, published in the *Jornal do Brasil* and later collected in the book *A descoberta do mundo*. As they are chronicles written mostly in the first person, and which bring Clarice Lispector herself as the main character, we will turn our attention to the way the author appropriates the writing of these chronicles to present herself, make herself known to the public, and, at the same time, neutralize the intimate tone characteristic of the chronicle. In this way, we will go through the “world of Clarice” based on these chronicles in which we can perceive her relationship with readers, with writing and the pulse of her daily life. Thus, when approaching the “universe” created by the author and presented in the chronicles of *A descoberta do mundo*, we can perceive how her writing dialogues with each other, allowing a narrowing between her literary production and her journalistic writing.

Keywords: Clarice Lispector. Chronicle. Autobiographical writing. Autobiographical Pact.

¹² Mestranda do Programa de Estudos da Linguagem na Universidade Federal Fluminense. Email: pat_mariano@yahoo.com.br

“Muita coisa não posso te contar.
Não vou ser autobiográfica.
Quero ser ‘bio’”

Clarice Lispector

1. Introdução

Entre os anos de 1967 e 1973, Clarice Lispector se dedicou a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil* (doravante *JB*). A partir de então, a autora, já consagrada por sua escrita intimista e enigmática, se desdobrou para se adaptar a um novo estilo, mais leve e com menor profundidade.

Por ser um gênero que pede uma escrita mais “despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia” (ARRIGUCCI JR, 1985, p. 51), criar crônicas para um jornal a assustou no início, pois a autora temia o risco de se tornar pessoal demais ao se aventurar neste gênero de escrita.

Clarice Lispector, ao apresentar seu cotidiano nas crônicas publicadas no *JB*, reunidas posteriormente no livro *A descoberta do mundo*, se mostra não só como escritora, mas também como mãe e dona de casa em seu convívio com os filhos, empregadas, amigos e pessoas próximas de si (GOTLIB, 1995, p. 376). Porém, dando-se a conhecer, ela se encontra no conflito entre contar suas vivências do dia-a-dia e preservar sua intimidade.

Por utilizar uma linguagem carregada de tom confessional e tratar de assuntos relacionados à sua própria vida, Lispector se torna personagem principal dessas crônicas, que, por sua vez, ao afirmarem a identidade entre narradora-autora-personagem, confirmam o que Philippe Lejeune (2008) chama de *pacto autobiográfico*. Neste viés, alguns críticos levantaram a possibilidade de se tratar de uma escrita autobiográfica, que narra memórias da infância, fatos corriqueiros de seus dias e pequenos fragmentos e pensamentos.

São muitos os estudos que se voltam para as obras literárias de Lispector, mas poucos se ocupam de sua produção jornalística. A autora esteve ativa durante anos em jornais, como entrevistadora, colunista e cronista, porém esta atividade ainda não

alcançou o status de sua escrita literária, que a consagrou, inserindo-a dentre os romancistas mais importantes da literatura brasileira e de grande reconhecimento mundial.

Neste estudo trataremos como tema a autorrepresentação que Lispector faz por meio da escrita das crônicas reunidas no livro *A descoberta do mundo*. Abordaremos o processo pelo qual a autora constrói uma imagem de si, apresentando seu cotidiano utilizando uma linguagem pessoal, que exprime um teor autobiográfico, mas, que, ao mesmo tempo, demonstra interesse em driblar esta personalidade para preservar sua intimidade.

Consideraremos a hipótese de que Lispector manipula os elementos autobiográficos apresentados nas suas crônicas para construir uma imagem de si. E, apesar de enxergamos traços pessoais nessa escrita, percebemos que a autora, de acordo com a seleção dos episódios narrados, delimita uma fronteira entre sua vida íntima e o que é permitido exteriorizar publicamente.

Dentre os conceitos que nortearão nosso estudo está o *pacto autobiográfico* desenvolvido por Philippe Lejeune (2008). Neste texto, o autor discute as noções de autobiografia, ressaltando que, para que um texto seja lido como tal, é necessário atentar para o pacto estabelecido pelo autor; pacto este que se afirma a partir da identificação entre autor-narrador-personagem (LEJEUNE, 2008, p. 26).

Tendo em vista o teor autobiográfico e a personalidade da escrita de Lispector, a estudiosa Nádia Battella Gotlib no livro *Clarice: uma vida que se conta*, nos apresenta uma leitura da vida e da obra de Lispector, propondo uma leitura dessas crônicas, por se aproximarem do conceito de *pacto autobiográfico*, como um diário, em que vemos descritos os pensamentos, afazeres, memórias e relatos de Lispector (GOTLIB, 1995, p. 376).

2. O Pacto Autobiográfico na escrita de crônicas

A escrita de Clarice Lispector é caracterizada por ter um aspecto intimista, em que podemos ver narrados os conflitos interiores e as experiências de personagens,

cujos traços de suas subjetividades são realçados pela autora, dando à escrita um tom denso e pessoal. Se suas obras literárias são conhecidas pelo teor subjetivo, as crônicas que escreveu para o *JB* não poderiam deixar de receber este toque característico de Lispector. É inerente a este gênero alcançar assuntos pessoais e, se nos contos e romances a subjetividade dos personagens é exposta, na crônica é o próprio autor que se expõe, pois é o personagem principal.

Jorge de Sá, no livro *A Crônica*, usa uma alegoria para comentar a construção da escrita. Para ele,

a construção de um texto equivale à construção de uma casa: cada frase, cada silêncio onde reside a significação a ser descoberta pelo leitor é uma espécie de quarto onde o cronista guarda seus segredos e a sua solidão. Além disso, ao construir cada texto (...) o autor está construindo a sua casa interna, procurando discriminar cada aposento e estabelecendo as leis que governarão o seu universo (SÁ, 1992, p. 17).

Por meio dessa comparação, Jorge de Sá exemplifica como a escrita das crônicas expõe o espaço da intimidade do autor, e que cabe a este ir conduzindo o leitor, para que ele chegue somente até onde o cronista delimitar. Assim, este constrói uma maneira de defender sua intimidade, sem deixar de lado a personalidade que convém a esta escrita.

Quando assume o papel de cronista do *JB*, Lispector se vê diante de um impasse: a assinatura das crônicas. Desta vez a autora não poderia recorrer aos pseudônimos, como já fizera anteriormente; sua coluna deveria vir assinada e, considerando que seu nome já era bastante conhecido na literatura, isso ajudaria a chamar a atenção para os textos. A cronista, mesmo sentindo-se incomodada por assinar, aceita o convite do *JB*, mas sempre retorna ao assunto da personalidade deste gênero, condição que não lhe agrada. Na crônica “Amor Imorredouro”, de 9 de setembro de 1967, Lispector expõe seu incômodo: “Já trabalhei na imprensa como profissional, sem assinar. Assinando, porém, fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma” (LISPECTOR, 1999, p. 29).

A personalidade e a popularidade a deixam pouco à vontade, pois, ao assinar suas crônicas, Lispector se coloca diretamente relacionada com aquilo que escreve, uma

vez que configura o *pacto autobiográfico* preconizado por Philippe Lejeune (2008), que adverte que “é no nome próprio que pessoa e discurso se articulam, antes de se articularem na primeira pessoa” (LEJEUNE, 2008, p. 22). Tendo em vista essa tensão entre a escrita em primeira pessoa e a preservação da intimidade, a autora reconhece a posição dos cronistas no impasse:

Agora entendo melhor os nossos melhores cronistas. Porque eles assinam, não conseguem escapar de se revelar. Até certo ponto nós os conhecemos intimamente. E quanto a mim, isto me desagradava. *Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta?* (LISPECTOR, 1999, p. 137) (grifos nossos).

Assim, ao falar sobre si mesma, sobre seus filhos, seus amigos, seus sentimentos e inquietações, Lispector se dá a conhecer e torna as crônicas muito próximas de uma escrita confessional e, mesmo se dizendo descontente, a autora admite que só sabe ser deste modo: “Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal” (LISPECTOR, 1999, p. 137), afirma em crônica de 21 de setembro de 1968, intitulada “Fernando Pessoa me ajudando”. Na tentativa de ajudá-la a escapar da confissão, um de seus filhos sugere: “Porque você não escreve sobre vietcong?” (LISPECTOR, 1999, p. 284); ao que a escritora responde dizendo que deixaria os comentários a esse respeito para um Antônio Callado. E completa: “tudo que fiz sobre vietcong foi sentir profundamente o massacre e ficar perplexa”; e, por fim, afirma: “Essa guerra nos humilha” (LISPECTOR, 1999, p. 284). É nesse sentido que se baseia o engajamento de Lispector: a autora só sabe ser pessoal e, mesmo quando deseja ser política, não costuma comentar os fatos, mas, sim, sua repercussão nos indivíduos.

Em entrevista concedida durante a década de 1960, uma jornalista perguntou o que a escritora achava da literatura engajada. Lispector, na coluna do *JB*, rememora a conversa e nos conta na crônica “A entrevista alegre”, de 30 de dezembro de 1967:

Perguntou-me o que eu achava da literatura engajada. Achei válida. Quis saber se eu me engajaria. Na verdade sinto-me engajada. Tudo o que escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos. É possível que este lado meu ainda se fortifique mais algum dia. Ou não? (LISPECTOR, 1999, p. 60).

Anos mais tarde, com a publicação de *A hora da estrela*, em 1977, revelou-se seu lado engajado, porém a novela é de uma enorme densidade introspectiva, o que acaba por encobrir o comprometimento político. Assim, “esse livro fisga o leitor na íntima e difícil angústia de um conflito, que é social, mas que aparece experimentado de dentro, na sua densa repercussão de ordem existencial” (GOTLIB, 1995, p. 466). E descortina uma autora que se questiona sobre o fazer literário, sobre a existência, que busca, por meio de sua escrita, conhecer a si mesma, afirmando, mais uma vez, seu traço intimista e pessoal.

Se logo no começo isso a assustava, pois, além de não querer se expor, a autora não se sentia experiente na feitura das crônicas, com o passar do tempo, Lispector vai “pegando o jeito” e reconhece que se trata de um gênero que exige intimidade com o leitor, e que é inevitável que o cronista se exponha neste tipo de escrita. A autora segue, então, com a coluna, mas pede a ajuda de seus amigos mais experientes nesta modalidade de escrita, pois quer continuar a escrever, sem que isto ultrapasse os limites de sua intimidade. Em uma de suas crônicas, Lispector nos mostra um diálogo entre ela e seu amigo, também cronista, Rubem Braga:

“Rubem, não sou cronista, e o que escrevo está se tornando excessivamente pessoal. O que é que eu faço?” Ele disse: “É impossível, na crônica, deixar de ser pessoal”. Mas eu não quero contar minha vida para ninguém: minha vida é rica em experiências e emoções vivas, mas não pretendo jamais publicar uma autobiografia (LISPECTOR, 1999, p. 349).

Apesar de afirmar que não quer publicar uma autobiografia, a autora segue escrevendo sobre si mesma e seu cotidiano, chegando a narrar histórias de sua infância. Seguindo neste mesmo viés, alguns críticos costumam ler as crônicas de *A descoberta do mundo* como algo próximo à autobiografia, pois, mesmo que não tenha tido a intenção, Lispector não escapa do tom autobiográfico. Benjamin Moser (2009) e Lícia Manzo (2001) nos falam que essas crônicas poderiam ser lidas como uma autobiografia, ainda que não planejada. Philippe Lejeune nos diz que um texto autobiográfico é “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza

sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Se analisarmos as crônicas, percebemos que Lispector faz tanto uma rememoração da infância, como também nos apresenta perfis que mostram um pouco de sua identidade, e, neste caso, afirma o *pacto autobiográfico*, já que seus textos são majoritariamente em primeira pessoa e assumem a identidade entre autor, narrador e personagem. Afirmando este pacto de leitura, ela sugere que há elementos autobiográficos em suas crônicas, como podemos perceber em “Lição de piano”, de 9 de dezembro de 1967, e “Viagem de trem”, de 5 de junho de 1971:

Meu pai queria que as três filhas estudassem música. O instrumento escolhido foi o piano, comprado com dificuldade. (...) Para mim as lições de piano eram uma tortura. Só duas coisas eu gostava das lições. Uma era um pé de acácia que aparecia empoeirado a uma curva do bonde e que eu ficava esperando que viesse. E quando vinha – ah como vinha. A outra: inventar músicas. Eu preferia inventar a estudar. Tinha nove anos e minha mãe morrera (LISPECTOR, 1999, p. 51-52).

Me lembro de uma memorável viagem de trem, com 11 anos de idade, de Recife à Maceió, com meu pai. Eu já era altinha, e pelo que se revelou, já meio mocinha. Na viagem de ida – quase um dia inteiro – um rapaz de seus 18 anos, lindo de morrer e que comeu no mínimo uma dúzia de laranjas, e que tinha os olhos verdes pestanudos de preto, simplesmente veio pedir licença a meu pai para ficar conversando comigo. Meu pai disse sim. Eu não cabia em mim de emoção: namoramos o tempo todo sob o olhar aparentemente distraído de meu pai (LISPECTOR, 1999, p. 350-351).

Nestes trechos vemos relatados acontecimentos que marcaram a infância vivida em Recife, o convívio com o pai e as irmãs, a personalidade criativa de menina, a perda da mãe quando ainda era criança, seus primeiros namorados, suas viagens...

Analisando os registros da autora publicados na reunião de crônicas de *A descoberta do mundo*, a estudiosa Nádia Battella Gotlib (1995) vai além e as considera como um diário, pois leva em conta que nesses textos “estão seus afazeres domésticos e literários, como romancista, contista, cronista. Aparecem aí as pessoas que a rodeiam mais proximamente” (GOTLIB, 1995, p. 376). A cronista descortina seu dia-a-dia e, em

determinadas crônicas, deixa explícita uma escrita do imediato, demonstrando que há uma pequena separação temporal entre o enunciado e a enunciação. Como é o caso das crônicas “Enquanto vocês dormem”, de 18 de maio de 1968, e “O Suéter”, de 3 de agosto de 1968:

Se vocês soubessem como esta noite está diferente. São três horas da madrugada, estou com uma de minhas insônias (...). Esta noite está diferente porque, *enquanto vocês dormem, estou conversando com vocês*. Interrompo, vou ao terraço, olho a rua e a nesga de praia e o mar (LISPECTOR, 1999, p. 104) (grifos nossos).

Estou escrevendo antes de sair de casa, e com o suéter (...). Hoje vou sair com ele pela primeira vez. (...). Terminada esta nota vou-me perfumar com um perfume que é meu segredo: gosto das coisas secretas (LISPECTOR, 1999, p. 122) (grifos nossos).

Em suas crônicas, podemos notar que se tratam de um espaço que a autora utiliza para fazer reflexões sobre seu passado, seu cotidiano e sobre tudo o que, de certa forma, a cerca. A prática de

se questionar sobre sua escritura, ou sobre a sua própria pessoa, torna suas crônicas muito semelhantes ao diário íntimo. Diante do mundo e através da aparência das coisas, Clarice focaliza o interior que é desvendado pelo imaginário. Como se estivesse meditando sobre si mesma, *Clarice descreve, se explica e se constrói* (PAIXÃO, 1991, p. 116) (grifos nossos).

Essa questão da construção é desdobrada no texto “A ilusão autobiográfica”, de Wander Melo Miranda. O autor traça apontamentos sobre a escrita diarística e a autobiográfica e, segundo ele, no diário “há uma possibilidade maior de exatidão, de precisão e fidelidade à experiência real” (MIRANDA, 1991, p. 34), enquanto que a autobiografia está sujeita ao “caráter seletivo da memória, que modifica, filtra e hierarquiza a lembrança” (MIRANDA, 1991, p. 34), e isso se dá pela divergência, no tempo, entre o vivido e seu registro.

Porém, vale ressaltar que em suas crônicas, de diversas maneiras, Clarice Lispector “problematiza a exatidão ou sinceridade da escrita autobiográfica” (ROCHA, 2006, p. 111), manipulando as fronteiras entre o real e a invenção. Diante disso, a estudiosa Diana Klinger nos expõe que essa linha divisória “pode ser muito tênue em se

tratando de relatos pessoais, mas ela existe. O que corrobora na construção dessa linha é o contrato entre autor e leitor” (KLINGER, 2008, p. 21).

Lispector cria com seus leitores uma relação que é baseada na cumplicidade; a cronista constrói uma ambiência de intimidade para, com isso, envolvê-los e criar com eles uma relação mais próxima, convidando-os a entrar nesse espaço íntimo pressuposto pela crônica. Entretanto, apesar de se mostrar nas crônicas, a autora quer, de certo modo, proteger-se da curiosidade alheia. Ao se expor, apresentar seu cotidiano e dar-se a conhecer de forma mais próxima ao leitor, está buscando uma maneira de se livrar da especulação, mostrando somente o que lhe convém mostrar. Ela delimita as barreiras e, ao mesmo tempo em que dá acesso ao espaço de sua intimidade, mantém a discrição sobre diversos fatos que se passaram em sua vida pessoal.

A autora demonstra esse impasse quando diz, em uma de suas crônicas, que deseja ser “anônima e íntima” (LISPECTOR, 1999, p. 53). Ela não quer expor sua vida particular; então, para defender sua intimidade, trata de assuntos pessoais, mas seleciona o que pode ser mostrado nas crônicas e o que deve ser preservado: “Há coisas que jamais direi: nem em livros e muito menos em jornal. E não direi a ninguém no mundo” (LISPECTOR, 1999, p. 342), encontra-se na crônica de 17 de abril de 1971, intitulada “Ao correr da máquina”. Ao falar de si, Clarice Lispector trata de fatos que já são de conhecimento do público: a infância em Recife, as constantes viagens ao exterior, o acidente que sofrera, entre outros e, apesar do tom confessional, enfatizado por ela na crônica “Outra carta”, de 24 de fevereiro de 1968, em que diz que “lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público e não a um padre” (LISPECTOR, 1999, p. 79), a cronista não faz confissão alguma sobre a sua privacidade:

Um de meus filhos me diz: “Por que é que você às vezes escreve sobre assuntos pessoais?” Respondi-lhe que, em primeiro lugar, nunca toquei realmente, em meus assuntos pessoais, sou até uma pessoa muito secreta. E mesmo com amigos só vou até certo ponto (LISPECTOR, 1999, p. 284).

Nesse trecho retirado de uma conversa com um de seus filhos, Lispector deixa claro que, em suas crônicas, traça limites precisos entre sua vida pública e sua privacidade

que mantém resguardada e que não revela, apesar da aparente atmosfera confessional característica de sua escrita. Até mesmo nas entrevistas, a autora sempre tenta escapar de perguntas mais pessoais, se restringindo a falar mais da literatura do que de sua vida particular. Em entrevista à coluna “Suplemento literário” do *JB*, ela é perguntada se já havia conhecido a paixão, ao que responde: “Eu lá sou boba de contar minhas paixões. *Eu tenho uma vida íntima que não revelo a ninguém. Nem a Deus*” (GOTLIB, 1995, p. 480) (grifos nossos).

A popularidade advinda com a publicação das crônicas semanalmente no *JB* preocupa Lispector, deste modo, passa a buscar meios de proteger sua intimidade da exposição excessiva. Em diversas crônicas, por exemplo, ela declara que não quer mais escrever, que gostaria de se calar, se resguardar:

Tantos querem a projeção. Sem saber como esta limita a vida. Minha pequena projeção fere meu pudor. Inclusive o que eu queria dizer já não posso mais. O anonimato é suave como um sonho. Eu estou precisando desse sonho. Aliás eu não queria mais escrever. Escrevo agora porque estou precisando de dinheiro. Eu queria ficar calada (LISPECTOR, 1999, p. 75-76).

Tendo em vista declarações como esta, os leitores entram em contato com a cronista, pedindo-lhe que não abandonasse a coluna. Um deles tenta encorajá-la a continuar a escrever, apesar da recusa em se expor: “diz que ‘o escritor, se legítimo, sempre se delata’. E termina dizendo: ‘Não deixe sua coluna sob o pretexto de que pretende defender a sua intimidade. Quem a substituiria?’” (LISPECTOR, 1999, p. 78). A cronista publica essa carta em crônica de 24 de fevereiro, sob o título “Outra carta”, e comenta em resposta ao leitor: “Quanto a eu me delatar, realmente isso é fatal, não digo nas colunas, mas nos romances. Estes não são autobiográficos nem de longe, mas fico depois sabendo por quem os lê que eu me delatei” (LISPECTOR, 1999, p. 78).

Nessa declaração a autora corrobora o que diz Lejeune sobre a autobiografia ser também um modo de leitura. Para ele, a autobiografia é também “um efeito contratual” (LEJEUNE, 2008, p. 46) entre autor e leitor, e é isto que “determina o modo de leitura do texto e engendra os efeitos que, atribuídos ao texto, nos parecem defini-lo como

autobiografia” (LEJEUNE, 2008, p. 45). Portanto, podemos enxergar o leitor como parte do texto, pois é nele “que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem [o autor], mas no seu destino” (BARTHES, 2004, p. 64), que é o leitor. Lispector sabe bem disso, e incorpora o leitor na sua escrita; e, em suas crônicas, diversas vezes coloca-o também como um personagem, interagindo com ele.

3. A Movimentação Textual: diálogos entre ficção e autobiografia

Em resposta a um leitor, que dissera que o autor se delata em seus escritos, (trecho citado anteriormente) Lispector comenta que

o personagem leitor é um personagem curioso, estranho. Ao mesmo tempo que inteiramente individual e com reações próprias, é tão terrivelmente ligado ao escritor que na verdade ele, o leitor, é o escritor (LISPECTOR, 1999, p. 78-79).

Neste mesmo viés, Alceu Amoroso Lima, em conversa com a autora, afirma: “Você, Clarice, pertence àquela categoria trágica de escritores, que não escrevem propriamente seus livros. São escritos por eles” (LISPECTOR, 1999, p. 177).

Apesar de afirmar que seus romances não são autobiográficos: “Em 11 livros publicados não entrei como personagem” (LISPECTOR, 1999, p. 284), podemos ver que nos romances e também nos contos, a autora pincela alguns elementos autobiográficos. Nas crônicas, Lispector é a personagem principal e afirma o pacto autobiográfico com os leitores. Já nos romances, em que a escrita em terceira pessoa é mais utilizada, a identificação dessa escrita autobiográfica pode ser, de certo modo, driblada. A própria autora comenta essa aproximação entre narrador e personagem, independente de o texto ter sido escrito em terceira pessoa, numa entrevista concedida a Nevinha Pinheiro, publicada no *JB* em 15 de dezembro de 1977. Quando lhe perguntaram se ela gostava de escrever em terceira pessoa, Lispector respondeu: “No fundo, Flaubert tinha razão, quando disse: ‘Madame Bovary c’est moi’. A gente sempre está em primeiro lugar” (*Jornal do Brasil*, 15/12/1977).

Na crônica “O passeio da família”, de 24 de abril de 1971, Lispector narra um passeio de domingo de uma família composta de um pai e suas filhas. Os personagens desta crônica não são nomeados, mas o fato de termos um narrador em terceira pessoa não descarta a possibilidade da identidade entre narrador e personagem. A estudiosa Nádia Battella Gotlib, ao analisar essa crônica, afirma:

É possível que os passeios que o pai fazia com as filhas, aos domingos, até o cais do porto e depois até um bar onde a filha menor tomava Ovomaltine, e que Clarice conta, numa crônica, fossem os mesmos que a menina Clarice costumava fazer na companhia das irmãs e do pai, na cidade de Recife (...). O tom da crônica (...) é o da lembrança, por uma terceira pessoa que não consegue manter distância em disfarçar a presença de uma primeira pessoa subjacente e participante (GOTLIB, 1995, p. 92).

Se compararmos algumas crônicas com a produção ficcional que Lispector escreveu paralelamente com essas crônicas, percebemos que a autora transforma trechos de romances em crônicas e vice-versa e publica contos inteiros no espaço da crônica. Ao se utilizar dessa movimentação textual, ela “amplia as indagações entre vida e obra, experiência vivida e representação literária, contribuindo para o questionamento de categorias como ficcionalidade, representação e autenticidade” (ROCHA, 2006, p. 112). O livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de 1969, período em que escrevia para o *JB*, traz, mesclados ao enredo, alguns trechos que já tinham sido publicados nas suas crônicas. Benjamim Moser levanta a questão de que neste romance há um forte elemento autobiográfico, mesmo tendo sido escrito em terceira pessoa. Segundo o estudioso, “o ‘eu’ está escondido logo abaixo da superfície. Lispector transformou longas passagens publicadas no *JB* nessa ficção, muitas vezes fazendo pouco mais do que trocar o ‘eu’ por ela” (MOSER, 2009, p. 437). Além disso, são notáveis algumas semelhanças entre Lispector e a personagem Lóri: ambas sofrem de insônia e passam a noite observando o mar, comentam sobre viagens a Paris e Berna, cujo silêncio característico da cidade é tema de reflexões.

A crônica “Enquanto vocês dormem”, de 18 de maio 1968, passa da primeira para a terceira pessoa no romance em questão. Na crônica, já citada anteriormente, a autora nos conta sobre uma de suas insônias:

Tomei uma xícara de café, já que não ia dormir mesmo. Botei açúcar demais, e o café ficou horrível. Ouço o barulho das ondas do mar se quebrando na praia. (...). Está escuro. Tão escuro. Penso em pessoas de quem eu gosto: estão todas dormindo ou se divertindo. É possível que algumas estejam tomando uísque. Meu café se torna em mais adocicado ainda, em mais impossível ainda. E a escuridão se torna tão maior (LISPECTOR, 1999, p. 104).

Já no trecho do romance, temos a descrição de uma insônia da personagem

Lóri:

Já que não tinha sono, foi à cozinha esquentar o café. Pôs açúcar demais na xícara e o café ficou horrível (...). Ouvia o barulho das ondas do mar de Ipanema se quebrando na praia. Era uma noite diferente, porque enquanto Lori pensava e duvidava, os outros dormiam (...). Estava escuro para Lori. Tão escuro. Pensou em pessoas conhecidas: estavam dormindo ou se divertindo. Algumas estavam bebendo uísque. Seu café então se transformou em mais adocicado, ainda, em mais impossível ainda. E a escuridão dos solitários se tornou tão maior (LISPECTOR, 1994, p. 87-88).

A prática da movimentação textual é muito utilizada por Clarice Lispector. Contos que já haviam sido publicados no livro *A legião estrangeira*, de 1964, são republicados no *JB*, crônicas são reunidas em livro de contos, como, por exemplo, em *Felicidade Clandestina*, que reúne crônicas autobiográficas em que a autora narra fatos de sua infância. Vale lembrar que esses textos em que Lispector fala de sua infância inauguram sua escrita de teor autobiográfico, já que anteriormente ela não costumava referir-se a si mesma nos seus textos.

A estudiosa Walnice Nogueira Galvão chama essa mobilidade textual de “transmigração auto-textual”, conceito citado e explicitado por Rocha (2006, p. 169):

com esse abuso polissibilábico pretende-se apenas indicar que seus textos são dotados de mobilidade e que o leitor pode reencontrá-los onde menos

espera. Uma crônica já publicada vai reaparecer integrada a um conto posterior. Um trecho de romance ressurgue como um conto independente. Um conto muda de título e é reeditado em outra reunião de contos. Um texto volta reduzido a fragmentos, ou vários fragmentos se amalgamam para constituir um texto mais longo. Um livro se transforma em dois livros.

O caso de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* difere dos demais porque, além de publicar trechos do romance nas crônicas, a autora faz modificações na pessoa do discurso. As falas de Lispector, que foram escritas em primeira pessoa nas crônicas e que deixaram à mostra um pouco desse espaço da intimidade criado por ela, são no romance atribuídas aos personagens. Esse artifício da autora lança desdobramentos sobre a autenticidade da escrita autobiográfica tanto nas crônicas, como também nos romances.

Clarice Lispector traça perfis de sua identidade e, ao dar-se a conhecer na escrita das crônicas, delimita os episódios que narra. Mostrando suas experiências do dia a dia, seu modo de pensar e seus estados de espírito, constrói uma atmosfera de intimidade e sinceridade com o leitor, mas a própria cronista abre questionamentos em torno dessa sinceridade ao transferir sua fala para seus personagens. Assim, Clarice é capaz de “fingir” o relato verídico de uma experiência pessoal, sem que o leitor seja capaz de desfazer a ambigüidade entre a história concreta de um eu real, que remeteria ao autor, e a sua recriação metafórica em termos de invenção ficcional” (MIRANDA, 1992, p. 33). Esse aspecto funciona como uma estratégia da autora para driblar a autoconfissão sugerida pela escrita das crônicas. Manipulando este artifício, ao mesmo tempo em que expõe seu cotidiano, a cronista delimita as barreiras que preservam sua intimidade.

Percorrendo a produção cronística de Lispector, pudemos observar que essas crônicas colaboram para a criação de uma imagem que ela pretende transmitir de si mesma. A autora, ao fazer uma autorrepresentação, prioriza alguns elementos e encobre outros, e isso é um artifício do qual se utiliza para ter controle sobre o impasse de se escrever sobre assuntos pessoais e o desejo de resguardar-se. Quando a autora faz a transmigração textual, ela dificulta a delimitação de fronteiras entre relatos autobiográficos e a ficção. A estudiosa Sylvia Paixão salienta o fato de que

Nesta escritura do vai e vem, onde os temas e as histórias também se repetem, percebemos um ser em busca do self, busca esta que se processa através da linguagem – a posse da linguagem é a posse de si mesma. O importante é formar a consciência, o autoconhecimento (PAIXÃO, 1991, p. 118).

A nosso ver, parece que Lispector encontrou o que buscava incessantemente durante os sete anos em que publicou crônicas no *JB*. Dizia ela em crônica de 24 de fevereiro de 1968: “não estou largando a coluna, mas aprendendo um jeito de defender minha intimidade” (LISPECTOR, 1999, p. 78). Assim, essa ação de movimentar seus textos foi uma maneira que a autora encontrou para se preservar da grande exposição que a escrita pessoal confere ao autor. E, sem deixar de ser pessoal, seu desejo de ser “anônima e íntima”, revelado na crônica “Bolinhas”, de 9 de dezembro de 1967, se configura, uma vez que, como efeito da transmigração textual, não se sabe, de fato, se o que a autora publicou no *JB* como sendo registros e impressões diárias são, realmente, relatos pessoais ou livre invenção literária.

4. Considerações finais

As crônicas reunidas no livro *A descoberta do mundo* apresentam diversos perfis com os quais Clarice Lispector delimitou traços de sua identidade. A autora, por meio da escrita, se dá a conhecer ao público, como também exercita uma compreensão de si mesma. No dizer de Nádia Battella Gotlib (1995), Lispector faz uma “revisão de si”, juntando recortes de diversos momentos de sua vida: episódios da infância e suas primeiras experiências, a vida de esposa de diplomata e as constantes viagens, o papel de mãe atarefada com os afazeres domésticos, a carreira de escritora e a dificuldade de lidar com a exposição pública.

Lispector fala diretamente de si, descortina seu cotidiano e se apresenta aos leitores e, mesmo fazendo autocitações e movimentando seus textos, a autora deixa muito de si mesma em sua literatura. E, assim como afirma Lícia Manzo, concluímos que, nessa “conversação” entre os textos, podemos “ler a vida que Clarice, através de sua literatura, nos contou” (MANZO, 2001, p. 04), e isso nos faz ver como suas obras interagem e

dialogam entre si. Tal movimentação nos trouxe a ideia de que sua obra cria uma unidade, e essa unidade pode ser a chave para entender a obra da grande escritora.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: *Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. SP: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O Rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *Recortes*. SP: Companhia das Letras, 1993, p. 23-29.

GOTLIB, Nadia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

KLINGER, Diana. “Escrita de si como performance”. In *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.12, 2008, p. 11-29.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A Descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. “Clarice, pela última vez”. Entrevista realizada por Nevinha Pinheiro para o *Jornal do Brasil*, em 15 de dezembro de 1977. Disponível em: http://ims.uol.com.br/Clarice_Lispector__entrevista_ao_%E2%80%9CJornal_do_Brasil%E2%80%9D/D572 > acesso em 23/03/2011.

_____. *Uma aprendizagem Ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

MANZO, Lícia. *Era uma vez: Eu / A não-ficção na obra de Clarice Lispector*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001.

MIRANDA, Wander Melo. A ilusão autobiográfica. In: _____. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992, p. 25-41.

MOSER, Benjamin. *Clarice: uma biografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

PAIXÃO, Sylvia. Um sopro de vida na hora da estrela: uma leitura das crônicas de Clarice Lispector. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 104: p. 111-120, jan/mar. 1991.

ROCHA, Fátima Dias. Identidade e autobiografismo nas crônicas de Clarice Lispector. In: SÁ, Jorge de. *A crônica*. SP: Ática, 1985.